

## ENFERNTAMENTO DA ONCOLOGIA PEDIÁTRICA: A VISÃO DO ENFERMEIRO

QUINES, A. L. S.<sup>1</sup>, PEREIRA, B. B.<sup>2</sup>, BRASIL, M. L.<sup>3</sup>, SOARES, M. E. M.<sup>4</sup>,  
TAVARES, S. L. S.<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Universidade da Região da Campanha (URCAMP – Bagé – RS – Brasil – agnesquines@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade da Região da Campanha (URCAMP – Bagé – RS – Brasil –  
brunabritto94@hotmail.com

<sup>3</sup> Universidade da Região da Campanha (URCAMP – Bagé – RS – Brasil – math.brasil@live.com

<sup>4</sup> Universidade da Região da Campanha (URCAMP – Bagé – RS – Brasil –  
mariiaeduardasoes@hotmail.com

<sup>5</sup> Universidade da Região da Campanha (URCAMP – Bagé – RS – Brasil –  
sheila.tavares2000@hotmail.com

### RESUMO

O presente estudo detém-se em observar o enfrentamento da oncologia pediátrica pela visão dos enfermeiros imersos nesse contexto, por meio das publicações existentes.

Palavras-chave: Enfermeiro, Oncologia, Pediatria.

### 1 INTRODUÇÃO

O câncer é a proliferação descontrolada de células anormais e que pode ocorrer em qualquer local do organismo (PARO et al, 2005). Segundo o INCA (2018), os tumores mais frequentes na infância e na adolescência são as leucemias que afetam os glóbulos brancos, o do sistema nervoso central e linfomas; também acometem crianças e adolescentes o neuroblastoma, tumor de Wilms, retinoblastoma, tumor germinativo, osteossarcoma, e sarcomas que são tumores de tecidos moles (INCA, 2018).

A confirmação do diagnóstico de câncer desencadeia uma situação muitas destrutiva, às vezes, não somente por quem é acometido pela doença, mas também por todos que fazem parte do âmbito familiar (PARO et al, 2005). A descoberta da doença traz consigo um momento de surpresa e estresse no seio familiar, levando por sua vez modificações em sua rotina e comportamentos dos indivíduos que fazem parte da mesma (AVANCI et al, 2009).

A responsabilidade de cuidar da criança, na maioria dos casos reflete muito na vida da mãe, deixando-a exposta a fatores estressantes como: a depressão, distúrbios do sono, alteração na vida conjugal, qualidade de vida e alimentação (FRANÇOSO, 1996). Este caso sensibiliza muito a equipe de profissionais da saúde,

especialmente o enfermeiro de modo a assistir não só a criança, mas sim toda sua família já que a mesma é considerada a manutenção da qualidade de vida da criança, e fonte de forças para enfrentamento da doença (COSTA; CEOLIM, 2010). Objetiva-se com este estudo mostrar o enfrentamento da rotina no setor de oncologia pediátrica, pela visão dos enfermeiros.

## **2 METODOLOGIA**

Para corroborar com o objetivo foi realizada uma revisão bibliográfica, apoiada em publicações alusivas à temática proposta, como artigos, publicados nos últimos 22 anos por ser um tema pouco explorado, e indexados nas bases de dados SCIELO (Scientific Eletronic Library Online) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) utilizando os seguintes descritores “enfermeiro”, “oncologia”, e “pediatria”, separadas pelo booleano “and”. Optou-se por essas bases de dados por conterem mais diversidade e qualidade de material científico.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao congregar as ideias e voltar olhares para a criança, identificamos um ser ainda sem muitas experiências na arte de viver, em comparação com um adulto. Por esse fato o cuidar torna-se um processo de suma importância e responsabilidade para os profissionais que irão exercê-lo conforme Mutti, et al, 2009. Por vezes, os profissionais mais próximos que estão cuidando dessa criança em tempo integral, são os enfermeiros e sua equipe, aonde estes devem ter uma perspectiva de que essa criança está privada de muitas atividades corriqueiras da infância e por tal motivo, adotar uma visão holística é essencialmente importante inclusive para prestar auxílio a família (AVANCI et al, 2009).

Por ser uma unidade que depende muito do profissional de enfermagem, o enfermeiro deve demonstrar características como empatia, atenção, altruísmo, acolhimento e percepção, para que os familiares e a criança se sintam o mais à vontade e confiantes desde a admissão na unidade (MUTTI, et al, 2009). Em contrapartida, grande parte dos enfermeiros que trabalham na oncologia pediátrica relatam ter sentimentos de dor, impotência, sofrimento, ansiedade e muitas vezes, depressão, em decorrência da morte de grande parte dos pacientes (PARO, et al, 2005). Nos achados de estudos de Costa e Ceolim (2010) e de Avanci et al, (2009), nota-se a partir dos depoimentos de enfermeiros que trabalham no setor oncológico,

os relatos que a despeito de ter a parte triste e sofrimento, tanto da criança, como da família, não deve esquecer que o atendimento humanizado deve ser prioridade.

No transcorrer dos dias, meses e até mesmo anos, a relação enfermeiro, paciente e família é naturalmente estreitada pela presença diária do profissional e por toda a circunstância pela qual o seio familiar está fragilizado (FRANÇOSO, 1996). O ato de acolhimento e aproximação imprescindível para a adesão da confiança pela parte da família e da criança e mediante esse pensamento devemos salientar que teoricamente e preferencialmente o enfermeiro não estabeleça relações mais profundas com a criança/família para que não haja sofrimento, não deixando de lado a humanização; mas na prática diária percebemos que no decorrer dos dias a afinidade profissional-paciente vai sendo estreitada. Por mais que a relação enfermeiro, criança e família sejam limitadas o sentimento de impotência pela parte do enfermeiro é permeado quando há morte da criança, como ressalva Costa e Ceolim (2010).

#### **4 CONCLUSÃO**

Mediante presente estudo, podemos evidenciar que os cuidados de enfermagem não se aplicam somente na assistência física propriamente dita, mas também na atenção para com a criança e família, de modo que o enfermeiro deve orientar e responder todas as dúvidas tanto com o tratamento quanto com a patologia em questão. Promover a saúde física, psicológica e mental é fundamental para uma boa evolução do paciente.

Os cuidados paliativos estão presentes na oncologia pediátrica e em um crescimento significativo, onde este por vezes ele não é prestado somente a criança, mas se estende até a família, por ser um momento em que ela está extremamente fragilizada.

Como os relatos de algumas pesquisas apontaram que na grande maioria dos enfermeiros provenientes da oncologia, tem sentimento de tristeza consigo pela maioria das vezes haver a morte das crianças. A partir desse ponto alguns enfermeiros desenvolvem um sentimento de impotência em decorrência do óbito. Podemos concluir sintetizando a frase de um enfermeiro que verbalizou da melhor forma como deve ser o cuidado com esses pacientes de uma forma holística e simplificada: “Você tem que dar o melhor de si.” (PARO et al, 2005).

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional do Câncer – INCA, 2018, disponível em: < <http://www1.inca.gov.br/wcm/incidencia/2017/pdf/incidencia-resultados-comentarios.pdf>> acessado em 30 de julho de 2018, às 16:35.

COSTA, T. F.; CEOLIN, M. F. A enfermagem nos cuidados paliativos à criança e adolescente com câncer: revisão integrativa da literatura. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. v. 31, n. 4, p. 776-784, 2010.

FRANÇOSO, L. P. C.; Reflexões sobre o preparo do enfermeiro na área de oncologia pediátrica. **Revista Latino-americana de Enfermagem**. v. 4, n. 3, p. 41-48, 1996.

MUTTI, C. F.; PAULA, C. C.; SOUTO, M. D. Assistência à Saúde da Criança com Câncer na Produção Científica Brasileira. **Revista Brasileira de Cancerologia**. v. 56, n. 1, p. 71-83, 2010.

PARO, D.; PARO, J.; FERREIRA, D. L. M. O enfermeiro e o cuidar em oncologia pediátrica. **Revista Arquivo de Ciências da Saúde**. v. 12, n. 3, p. 151-157, 2005.

AVANCI, B. S.; CAROLINDO, F. M.; GÓES, F. G. B.; NETTO, N, P, C. Cuidados paliativos à criança oncológica na situação do viver/morrer: a ótica do cuidar em enfermagem. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**. v. 13, n. 4, p. 708-716, 2009.